

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FERNANDA CARPES DE MELLO DIAS

**APRENDENDO A LER A SI MESMA: processos de construção de autonomia de mulheres jovens na Educação de Jovens e Adultos.**

Porto Alegre

2012

Fernanda Carpes de Mello Dias

**APRENDENDO A LER A SI MESMA: processos de construção de autonomia de mulheres jovens na Educação de Jovens e Adultos.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado á Comissão de Graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

**Orientador:**

**Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro**

**PORTO ALEGRE**

**2012**

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Deus, pela o dom da vida, por conceder-me tantos momentos especiais e por ter me presenteado com os mais belos presentes: “as pessoas que me rodeiam”...*

*A meu filho Matheus, que teve seu tempo roubado por esse concorrente desleal, quase rival e que sempre, com seu sorriso carinhoso e seu abraço afetuoso, soube mostrar-me, mesmo sem saber falar ainda, que era preciso continuar...*

*a Hélio Dias, companheiro de lutas e sonhos, pelo amor, compreensão e presença nesta caminhada;*

*a Mara, Marcos, Tamara, Luciano, Carlos e Marlene por cuidarem do meu filho nos momentos de minha ausência.*

*As Marias da minha vida: Maria Alexandrina, minha mãe querida, pelo cuidado na infância e toda a vida, a Maria Odila que me acolheu tão bem na família Dias, e especialmente a Maria de Fátima, minha dinda, pelo amor incondicional, meu exemplo maior de mulher forte, sensível, mãe, guerreira, espelho de Deus.*

*Ao professor Nilton Fischer, referencia essencial na minha formação.*

*Ao professor Leandro, meu orientador neste trabalho, que me apresentou um comprometimento com a Educação, com a minha formação, mostrou um mundo de saberes, sob as juventudes. Obrigada por ter me guiado nesta escrita!*

*Aos colegas do grupo ADAE, que se tornaram amigos, por me acompanharem nestes quatro anos e meio de graduação.*

*As colegas do grupo Chimablack, que tornaram as minhas manhãs da FACED, mais alegres e as amigas Luciane Freire, Elenara Rosa, Tatiane Nunes, Deise Sabino por compartilharem comigo sob óticas diferentes essa experiência.*

*Epigrafe...*

*Sigamos (...)*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como foco investigativo compreender como a condição juvenil e de gênero são vivenciadas por estudantes na escola, mais especificamente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Aborda o fenômeno da juvenilização na EJA e, particularmente, traz reflexões relativas ao cenário de aumento de mulheres jovens nas Totalidades Iniciais da modalidade. Para tanto, a investigação apropriou contribuições teóricas de Luiza Camacho, Juarez Dayrell, Wivian Weller e Paulo Freire e fez uso de diferentes técnicas de caráter qualitativo: entrevistas semi estruturadas, observações em sala de aula, uso do diário de campo e análise documental. Os diálogos em campo contaram com a participação de duas estudantes e uma professora de uma escola estadual do município de Porto Alegre/RS. Os dados produzidos geraram dois eixos de análise: as relações das juventudes com a escola e o posicionamento de mulheres jovens sobre a experiência de estar na modalidade EJA. Foi possível constatar que, para além de uma “fuga” das regras e disciplinamento do ensino regular, o ingresso dessas jovens na EJA está associado à busca por autonomia.

**Palavras-Chave:** Condição Juvenil. Mulher Jovem. Educação de Jovens e adultos. Autonomia.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. METODOLOGIA.....	9
2.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	9
2.2 NARRANDO A PRÓPRIA HISTORIA: OS ENCONTROS E DESENCONTROS DE SE FAZER PESQUISA.....	13
3 RECORTE HISTÓRICO DA EJA.....	17
3.1 DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EJA.....	17
3.2 DO PERFIL TRADICIONAL AO PERFIL ATUAL DOS ALUNOS DE EJA.....	20
4 DOS CONCEITOS QUE NORTEIAM ESTE ESTUDO.....	25
4.1 CONDIÇÃO JUVENIL.....	25
4.2 GÊNERO E ESCOLA.....	27
4.3 AUTONOMIA.....	28
5 APRENDER A LER A SI MESMA: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA DE MULHERES JOVENS NA EJA.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO A-TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	38
APENDICE A- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA ESTUDANTES.....	39
APENDICE B- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA PROFESSORA.....	40

## 1 INTRODUÇÃO

“Olhar o mundo com os próprios olhos e escrever a vida com a própria letra. Aprender a ler a si mesmo com toda dignidade.” (Carlos Rodrigues Brandão)

O trabalho a seguir apresenta algumas inquietudes, que iniciaram e fizeram parte da minha prática docente em educação de jovens e adultos, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no segundo semestre do ano de 2011.

Vivenciar as particularidades dessa modalidade de educação exigiu um profundo estudo, que envolveu observações, pesquisas, experimentações e principalmente uma educação do olhar docente.

Como cita Brandão no excerto acima, os ensinamentos decorrentes desta prática servem para professor e aluno olhar o mundo e aprender a lê-lo e reconhecer que todos os participantes nesse processo puderam contribuir com suas experiências, relatos, sentimentos, etc.

A escolha da temática resgata a experiência de estagio curricular obrigatório, aonde o que mais ressaltou, desde o primeiro dia de observação foi a quantidade de jovens nas Totalidades Iniciais da EJA. Não foram poucos os momentos que me deparei pensando na situação destes alunos, nas condições de exclusão que a escola ainda aponta. Mas para, além disso, precisava saber mais sobre esse sujeito jovem da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, procurei neste trabalho de conclusão de curso, compreender como a condição juvenil e de gênero são vivenciadas por estudantes na escola, mais especificamente na EJA?

Dentre os autores que utilizei estão Camacho que fala da singularidade dos jovens, Dayrell para falar da importância de olhar os jovens como sujeito social, Brunel, que aborda o fenômeno da juvenilização como rejuvenescimento da EJA entre outros, que contribuíram para as reflexões e minha construção como professora pesquisadora. A procura desses autores partiu das aproximações com o real e da sensibilidade que eles trazem, significando nossa prática.

Os títulos que estão separados, na verdade, formam um conjunto inseparável, mas que são colocados didaticamente, na tentativa de abrir meu diário de campo e passar ao leitor as minhas expectativas, dificuldades, sucessos, emoções e principalmente as aprendizagens que ficaram enraizadas na minha formação profissional.

No capítulo seguinte, relato minha escolha pelas ferramentas metodológicas Descrevendo quais critérios e técnicas que utilizei para dar corpo a esta pesquisa, falo das alegrias e desafios.

Da trajetória da histórica da EJA, faço um breve resgate histórico dos caminhos desta modalidade. Problematizando a juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O próximo título *Condição Juvenil?* Mostro através de uma pesquisa bibliográfica, porque utilizo este conceito no decorrer do trabalho.

No capítulo *Gênero e escola*, é uma pequena parte da pesquisa bibliográfica, onde os autores foram escolhidos, de forma de apresentar as relações, que se aproximam do tema gênero, juventudes e a escola.

No capítulo sobre *aprender a ler a si mesma*, procurei refletir sobre a condição juvenil destas estudantes.

Em *Considerações Finais* as dúvidas colocadas servem de mote inicial para dar prosseguimento às investigações sobre a prática.

Nos anexos, os roteiros das entrevistas.



## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo apresento como procedemos com a investigação, realizando primeiramente uma análise geral dos fundamentos que nortearam esta pesquisa, organização e estrutura, para em seguida mostrar como analisamos as entrevistas.

### 2.1 Caminhos metodológicos

Uma metodologia de pesquisa é, antes de tudo, fruto de um processo pelo qual o objeto de pesquisa vai revelando-se, materializando-se e assumindo como realidade durante o processo de investigação. Neste percurso optamos adotar procedimentos metodológicos de cunho qualitativo, objetivando compreender as dimensões e implicações do tema pesquisado, de forma a abranger uma visão ampla da realidade em foco. Para isso, buscamos desenvolver uma metodologia que fosse capaz de abarcar observações, análises e percepções, guiados por um referencial teórico para refletir sobre esta temática. A escola pesquisada é também, o local onde realizei meu estágio de docência.

Assim esta inserção e vivência no cotidiano escolar e as relações que estabeleci com alunos e professores me instigaram a querer compreender como a condição juvenil e de gênero são vividas por duas estudantes na escola, mais especificamente entre as atividades de Educação de Jovens e Adultos. Desta forma o estudo surgiu a partir da minha experiência como professora estagiária e tudo que pude experimentar ao longo destes quatro anos e meio de graduação. Não pretendemos com isso, é claro, esgotar todas as possibilidades de interpretação sobre o tema, nem tão tampouco sobre a realidade em questão. Busco, tão somente, apresentar o que foi possível analisar neste curto espaço de tempo.

A interpretação de documentos é sempre um exercício de paciência, cuidado e penso que de bom senso. Ler além do que está escrito, sem com isso perder o que foi escrito registrado. No meu, o conhecimento, fruto da vivência e experiência do estágio de docência na escola pesquisada e dos estudos teóricos acerca do tema, foi fundamental e decisivo, para que pudéssemos interpretar a temática sem correremos o risco de afastarmos dos objetivos que correspondem este trabalho. Sendo que entre os documentos analisados estão meu diário de classe e relatório final do estágio curricular obrigatório, realizado no segundo semestre de 2011.

Ao reler meu diário de classe, apontei inúmeras vezes à palavra jovem, o retorno também ao meu relatório final de estágio dava um destaque aos textos produzidos

por jovens, mais especificamente de mulheres jovens; assim organizei meus apontamentos nestes documentos já descritos, juntamente com minhas lembranças inquietantes, como as produções textuais, sempre apontando a questão da violência na cidade (na vila), deste estagio a fim “tentar” organizar estratégias de investigação para realizar o estudo da relação destas jovens mulheres com a EJA.

Assim, buscando não me perder no “emaranhado” de registro, mas ao mesmo tempo, apontar tudo que fosse possível e necessário para a construção dos objetivos deste trabalho, optei em privilegiar nestes dois documentos (relatório e diário de classe) todas as reflexões aonde aparecem o recorte da palavra jovem. Foram “desprezadas”, por tanto, as reflexões acerca de outras temáticas. Através da análise dessas duas fontes, procurei trazer indícios de como se manifestava a condição juvenil e de gênero naquele contexto, por duas estudantes. Ainda como pesquisa documental optou também em realizar pesquisa referente a matrículas dos últimos cinco anos na modalidade EJA, a nível nacional, estadual e também as matrículas da escola pesquisada.

Como levantamento de estado da arte, busquei trabalhos produzidos a cerca desta temática, a procura constitui por trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia, que estavam hospedados no repositório digita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- LUME<sup>1</sup>, com palavras chaves que envolviam o tema Educação de Jovens e Adultos. Também realizei no mesmo espaço de busca, focada em teses e dissertações. A pesquisa resultou em um total de 22 trabalhos de Conclusão, destes dois se aproximam do meu estudo. Eles tratam do fenômeno da juvenilização na EJA. (SILVA, 2010) e sobre a mulher jovem (NASCIMENTO, 2009). Diante disto pretendo ao longo do trabalho dialogar com as autoras a fim de enriquecer meu trabalho na perspectiva de outros olhares.

A pesquisa realizada no mesmo espaço de busca, agora focada em teses e dissertações foram encontrados 47 trabalhos. Buscando mais especificamente o tema jovens na EJA, encontrei uma tese, realizada por ANDRADE(2008), intitulada: *Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural*. Nas discussões a autora traz contribuições no que se refere a formação de professores e juvenilização da EJA, utilizando-se de metodologia e campo teórico em uma análise de estudos culturais.

Após o estudo dos documentos, fui a campo realizar as observações em sala de aula e as entrevistas semi estruturadas, estas de cunho qualitativo caracterizando

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40514>, disponível em agosto de 2012.

segundo Minayo 1996, refere-se aos dados obtidos pela entrevista dividindo-os entre os de natureza objetiva- fatos “concretos”, “objetivos”- que podem ser obtidos por outros meios- e os de natureza “subjetiva”, como atitudes, valores, opiniões, que “só podem ser obtidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos. As participantes da pesquisa são uma professora titular das Totalidades Iniciais da EJA e duas estudantes também da mesma modalidade, do ensino fundamental de uma escola estadual do bairro Santana da cidade de Porto Alegre.

Busquei realizar observações em sala de aulas durante uma semana em turmas diferentes: a sala da turma T2 e da turma T3. A turma T2 era a turma que eu já havia realizado meu estagio docente e uma das entrevistadas permanecia nesta. A T3 era turma que a outra entrevistada havia avançado. A docente também foi a titular da turma aonde realizei meu estagio docente no segundo semestre do ano de 2011. As conversas e ações com estas meninas foram realizadas em 3 encontros, cada um de aproximadamente 1 hora de duração, uma vez por semana. A partir das narrativas destas jovens, também das ações, propostas e interações ocorridas nestes encontros foram produzidos os dados aqui analisados. Cabe ressaltar, que dentre os materiais utilizados para as entrevistas elegi um roteiro para nortear (APENDICE A).

Após as transcrições das entrevistas, comparando as falas, elegi os temas mais freqüentes e agrupei em quatro categorias: *situação familiar, relação com a escola, situação juvenil e condição feminina*.

Quadro I. Categorização dos Indicadores para análise das entrevistas

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Situação familiar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Com quem mora</i></li> <li>• <i>Qual a constituição família</i></li> <li>• <i>Local de moradia.</i></li> </ul>
<b>Relação com a escola</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sente diferença na escola do dia e da noite?</i></li> <li>• <i>Porque escolheu esta escola?</i></li> <li>• <i>Sente diferença na tua vida depois que começou na EJA?</i></li> </ul>
<b>Situação juvenil</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Trabalho,</i></li> <li>• <i>Lazer,</i></li> <li>• <i>Como se sente sendo jovem,</i></li> </ul>
<b>Condição Feminina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Como se sente sendo mulher jovem na EJA?</i></li> </ul>

FONTE: Elaborado pela autora, Novembro de 2012.

Segundo SZYMANSKI, (2002, p.75) a categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-las segundo sua compreensão. Podemos chamar estudo de explicitação de significados. A partir dessa categorização, ficaram mais claros quais indicadores que possibilitariam analisar as entrevistas e teriam capacidade de revelar a dimensão do tema pesquisado neste contexto.

## **2.2 Narrando a própria história: os encontros e desencontros de se fazer pesquisa.**

Quando ingressei no curso de pedagogia, me perguntava se a universidade contemplaria meu interesse pela educação em movimentos populares, educação que não estivesse apenas na instituição escola. Pois enxergava tudo descolado, confesso que no início do curso tinha uma visão de senso comum que teoria era uma coisa e prática outra. E não entendia como poderiam caminhar juntas.

No decorrer do curso pude visualizar, materializar meus sonhos de uma educação que estivesse em sintonia no que acredito. No final de 2008, tive o privilégio de iniciar a experiência como bolsista de iniciação científica, sendo orientada pelo professor Dr. Nilton Bueno Fischer<sup>2</sup> e dedicar-me ao projeto já em fase de finalização intitulado: “Tempos e espaços que possibilitam e/ou interdita processos constituidores de um “nós” entre homens e mulheres de um galpão de reciclagem”. E logo demos continuidade com o projeto intitulado: cotidiano de mulheres recicladoras: o educativo como possibilidade. Essa investigação dava seqüência á investigações anteriores, que no conjunto discutem “ o cotidiano do homem simples” (Martins, 2008).

Fui aprendendo a investigar processos educativos entre as vivências de mulheres recicladoras da periferia urbana de Porto Alegre e suas vivências cotidianas. Relacionar esses processos diretamente com a revisão, atualização e aprofundamento de conhecimentos da área da Educação Popular, tanto em seus aspectos teóricos como metodológicos (Fischer, 2009).

Durante o ano de 2008 e 2009 (primeiro semestre), como pesquisadora iniciante pude experienciar estar em contato com adultos trabalhadores acompanhando um projeto de pesquisa sobre a orientação do professor Nilton Bueno Fischer. Sendo um momento único de escuta e aprendizado constante de alfabetização como prática social<sup>3</sup>.

No ano de 2010, me inseri no projeto de pesquisa coordenada pela professora Vera Maria Vidal Peroni intitulada: Novos Contornos da Parceria

---

<sup>2</sup>In Memoriam: Doutor em Educação, Professor da UFRGS

<sup>3</sup>GIROUX, (1990, p.2)

Público/Privado na Gestão da Escola Pública<sup>4</sup>. Com base nos dados coletados, fiz um recorte do projeto e estabeleci como objeto de pesquisa analisar o processo de gestão educacional; analisando uma escola do município de Sapiranga, abordando sobretudo a autonomia dos professores.

Fiz este recorte da caminhada na graduação, para colocar que as duas experiências como bolsista de IC (Iniciação Científica), mesmo sendo em espaços diferentes, acabam por entrelaçar no decorrer do caminho. E foi necessário ao longo deste estudo para a escrita deste trabalho de conclusão de curso, resgatar esta experiência para não desistir no caminho. Por que agora, eu não era a bolsista do professor tal (...)eu era a pesquisadora.

Comecei minhas investigações na escola selecionando uma única aluna, que faria uma entrevista mais longa, tendo como base o roteiro já citado em capítulos anteriores. Minha primeira visita na escola este ano de 2012 foi para conversar e explicar meu trabalho de conclusão. Tudo acertado retornei com data e hora marcada e cadê a aluna? Fiquei frustrada, quando perguntar para colegas e professores sobre a entrevistada e ter como resposta que esta estava faltando aula alguns dias seguidos. Cheguei a conversar com meu orientador a trocar de temática, por achar que não conseguiria dar continuidade com o estudo de caso.

Fiquei ansiosa e preocupada, então liguei para esta aluna e conversamos por um longo tempo, descobri que suas faltas eram devido sua condição financeira, pois como era necessário pegar condução para ir até a escola, não estava com dinheiro suficiente para tal.

Então novamente reagendei a entrevista; cheguei à escola e dessa vez a menina estava lá a minha espera! Eu levei o celular para gravar a entrevista com a maior naturalidade (no meu ponto de vista), então dei início com o gravador ligado: *me conta um pouco da tua vida*. A menina me olhou, olhou para o gravador e disse: *a sora, não tenho nada pra dizer, é legal!*. Perguntei sobre a escola, sobre a família, sobre o namorado, sobre o tempo e... as respostas eram quase sempre as mesmas: *legal, não tenho nada pra dizer sora!*

---

<sup>4</sup>A pesquisa teve o objetivo de analisar mudanças educacionais realizadas nas redes de ensino municipal de Sapiranga e Campo Bom por meio da parceria com o Instituto Ayrton Senna, no Projeto Rede Vencer, com os programas Acelera Brasil, Gestão Nota 10 e Circuito Campeão. Foram analisadas a concepção de gestão do município e as consequências da implantação dos programas.

Voltei para a faculdade e na minha orientação, comentei com o professor que a entrevista não tinha sido muito produtiva. Perguntei se o espaço influenciava entrevista, o uso do gravador. Então fui orientada a tentar deixar o ambiente da entrevista mais acolhedor, sem o uso do gravador.

Percebi que estava sendo egoísta com o uso do gravador, na primeira entrevista em nenhum momento perguntei se a menina gostaria que eu desligasse o gravador, talvez por medo de perder as informações preciosas que estaria por vir. Ao longo da minha orientação fui me dando por conta que não é apenas o pesquisador que deve estar seguro e confortável no momento da entrevista. Antes de iniciar as entrevistas fui montando um questionário com perguntas que me orientasse na entrevista. Quando penso em questionário vem a imagem de pergunta e resposta e ponto. Mas não é isso que queremos com a pesquisa qualitativa, ao menos não respostas fechadas como sim e não.

Depois da primeira experiência refleti sobre o papel do pesquisador, que também é de pensar estratégias e maneiras de como fazer as perguntas de forma que o entrevistado compreenda claramente a proposta. Para estas estratégias as colegas e professora da disciplina de reflexão da prática docente, me auxiliaram bastante, dando sugestões e analisando meu trabalho realizado até o momento.

Retornei a escola novamente, desta vez sem a idéia que o gravador seria minha única fonte de “guardar” as informações da entrevista e o questionário seria apenas uma ferramenta para guiar minha entrevista. Assim combinei com a aluna de conversarmos no refeitório antes da aula. Enquanto a cozinheira preparava a janta, nós íamos conversando. Não retirei o gravador da bolsa e fui perguntando como estava, comentando sobre o cheiro da comida, levei algumas imagens para conversar sobre gênero. Neste dia a conversa fluiu super bem, as respostas se alongaram e surgiram boas risadas.

Quando sai da escola, fui anotando palavras e expressões que marcaram durante a entrevista, depois escrevi em um caderninho. Senti a necessidade de voltar a escola mais uma vez e conversar com a mesma menina. Utilizei da mesma estratégia, deixar o gravador guardado na bolsa para não intimidar a menina. Depois de uma longa conversa, não me contive e perguntei se poderia gravar algumas falas, ela disse que não se importava, então eu peguei o gravador e deixei ligado em cima da mesa, desta vez não fiquei segurando na mão, como havia feito na primeira vez, quase como uma arma de defesa.

Com a segunda entrevistada, eu já estava mais segura em relação ao uso do gravador e não utilizei na primeira conversa, depois pedi sua permissão e pude gravar toda a entrevista. Com a professora que foi a última entrevista que fiz, o uso do gravador foi de forma natural.

Minhas aprendizagens neste curto espaço de tempo como “pesquisadora”, foram abrir mão de algumas técnicas, como uso do gravador e explorar mais o olhar observador para ter um bom diário de campo. Perceber que a entrevista deve ser prazerosa para ambas as partes, compreender que o registro quem faz é o pesquisador, com suas lembranças, olhar, análises e reflexões e o uso de uma ferramenta ou outra deve ser um suporte para a pesquisa.



### 3 Recorte histórico da EJA

Neste capítulo apresento um recorte histórico da Educação de Jovens e Adultos, a partir das políticas e legislação de nosso país, com apoio teórico, em seguida mostra a mudança do perfil do aluno da EJA.

#### 3.1 Da trajetória histórica da EJA

Falar na escolarização de jovens e adultos que não tiveram a “oportunidade” de estar dentro da escola em idade regular é pensar em uma dívida histórica da sociedade. São muitas razões e situações (não cabe aqui apontar) que se apresentam no país e a cada um dos sujeitos que fazem parte deste grande grupo sem escolaridade, e também que pouco tenha frequentado a escola.

Para compreender a Educação de jovens e adultos é necessário fazer um breve resgate histórico desta modalidade. A partir da Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado:

<sup>5</sup>Parágrafo único - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas: a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos;

Porem é na década de 40 que as lutas tornam-se consistentes, fortalecendo as iniciativas políticas e pedagógicas que ampliaram a educação de jovens e adultos: a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), Serviço de Educação de Adultos, Campanha de Educação de Adultos, e outros. Este conjunto de iniciativas permitiu que a educação de adultos se firmasse como uma questão nacional.

Ao mesmo tempo, os movimentos internacionais e organizações como a UNESCO, exerceram influência positiva, reconhecendo os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil e estimulando a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos. Esses movimentos destacaram-se pela preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001)

Na década de 60, com o Estado associado à alguns segmentos da Igreja Católica, novo impulso foi dado às campanhas de alfabetização de adultos.

---

<sup>5</sup>[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm) (acesso em 14/11/12)

Quando o trabalho de Paulo Freire passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos organizadas por distintos atores, com graus variados de ligação com aparato governamental. Foi o caso dos programas do Movimento de Educação de Base (MEB), do Movimento de Cultura Popular do Recife, ambos iniciados em 1961, dos Centros Populares da União Nacional dos Estudantes, entre outras iniciativas regionais e locais. (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001)

A década de 70, ainda sob a ditadura militar, marca o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL, que era um projeto para se acabar com o analfabetismo em apenas dez anos. Pegou-se o modelo de Paulo Freire, mas com ideais diferentes, o Mobral visava à formação de mão de obra, partia de uma veia nacionalista.

Em 1971, foram criados os Centros de Estudos Supletivos em todo o País, com a proposta de ser um modelo de educação do futuro, atendendo às necessidades de uma sociedade em processo de modernização. O objetivo era escolarizar um grande número de pessoas, para o mercado de trabalho competitivo. Segundo HADDAD E; DI PIERRO:(...) portanto ,o Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão - de - obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola.

Em 1985, o MOBRAL foi extinto, sendo substituído pela Fundação EDUCAR. O contexto da redemocratização possibilitou a ampliação das atividades da EJA. Estudantes, educadores e políticos organizaram-se em defesa da escola pública e gratuita para todos. A nova Constituição de 1988 trouxe importantes avanços para a EJA: o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional também para os que a ele não tiveram acesso na idade apropriada. Em 1989, Paulo Freire junto com o Partido dos Trabalhadores (PT) cria o MOVA – SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos).

a partir dos anos 90,houve uma reconfiguração do governo em relação as políticas para a Educação de Jovens e Adultos. Em março de 1990, com o início do governo Collor, a Fundação EDUCAR foi extinta e todos os seus funcionários colocados em disponibilidade. A União foi se afastando das atividades da EJA e transferindo a responsabilidade para os Estados e Municípios.

Analisar as políticas da educação é também refletir sobre momentos históricos do país. Resgatar as lutas dos movimentos sociais, movimentos pela educação que lutaram pela democratização da sociedade e manifestaram a busca/luta por direitos sociais que também estivessem materializados por políticas. E neste sentido, não podemos deixar de citar a década de 90, que ressalta a articulação, em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), reafirmou a institucionalização da modalidade EJA substituindo a denominação Ensino Supletivo por EJA.

Ainda problematizando as políticas públicas de educação, trago as finalidades principais da EJA, apresentadas, no Parecer do Conselho Nacional da Educação n. 11/2000: Reparadora, pela restauração de um direito negado, Equalizadora, pela igualdade de oportunidades. Qualificadora ou permanente, pela realização da pessoa em prol da educação permanente em qualquer etapa da vida.

A função reparadora apresenta-se como solução da negação de um direito negado ao sujeito. Direito este garantido pela Constituição Federativa do Brasil de 1988, que dispõe a educação como direito social. E neste sentido, podemos nos questionar mesmo a CF garantindo este direito, este não se torna efetivo. Pela a ineficácia de diferentes políticas publicas acerca da educação.

A função qualificadora visa formar o aluno além da sala de aula. Para oportunizar vivencias em diferentes espaços e propostas de formação para o sujeito. A função permanente entrelaça se com a função equalizadora e qualificadora, pois destaca um acompanhamento para além do tempo escolar.

### 3.2 Do perfil tradicional ao perfil atual dos alunos de EJA?

Quando se pensa em EJA é inevitável, não vir a nosso imaginário sujeitos adultos e logo fazemos um link com memórias e trajetórias de vida, geralmente de um grupo oriundo de pessoas que ficaram muito tempo imaginando ou sonhando com o momento de retornar a escola; desejando concluir algo que deu início lá na infância ou até mesmo nem chegou a começar.

Por muito tempo a EJA esteve configurada apenas como educação de adultos, objetivando principalmente a alfabetização dessas pessoas. Segundo depoimento da professora da escola pesquisada em relação ao perfil do aluno de EJA:

“(...) quando eu comecei a dar aula aqui na EJA à clientela era bem diferente (...) eram senhoras idosas, adultos que chegavam cansados depois de um dia inteiro de trabalho (...) alunos que não ficaram na escola por necessidade mesmo (...) não tinham como trabalhar e estudar (...)”

Depoimento da professora

Desde perfil tradicional que nosso imaginário está coberto antes de estar em sala de aula, fui desvelando e encontrando um novo contorno ente o aluno da EJA, naquele contexto da escola aonde realizou meu estagio docente. Meu espanto surge desde o primeiro dia de observação na escola:

(...) hoje fomos (Ismael e eu) pela primeira vez na escola, tem um portão azul escuro e um jardim com garrafas pets no muro. Em frente à escola estavam muitos adolescentes em uma praça, fiquei surpresa, porque é noite e está muito frio (...). Meu espanto logo foi respondido quando iniciei minha observação em sala, os adolescentes na verdade estavam esperando o horário para entrar em aula (...) entramos na sala e ficamos ao fundo, a professora falava e os alunos continuavam a chegar (...). Entra uma, duas, três adolescentes, depois entram mais duas meninas juntas, uma com o cabelo pintado de preto tapando o rosto, magrinha (...). Estão bem quietas, logo entra outra adolescente mexendo no cabelo e mascando chiclete, falando sobre os “guris” da outra turma (...). Meu Deus! Seis meninas jovens, aqui? Será? O que esta acontecendo? Meninas jovens, nas totalidades iniciais?(...)

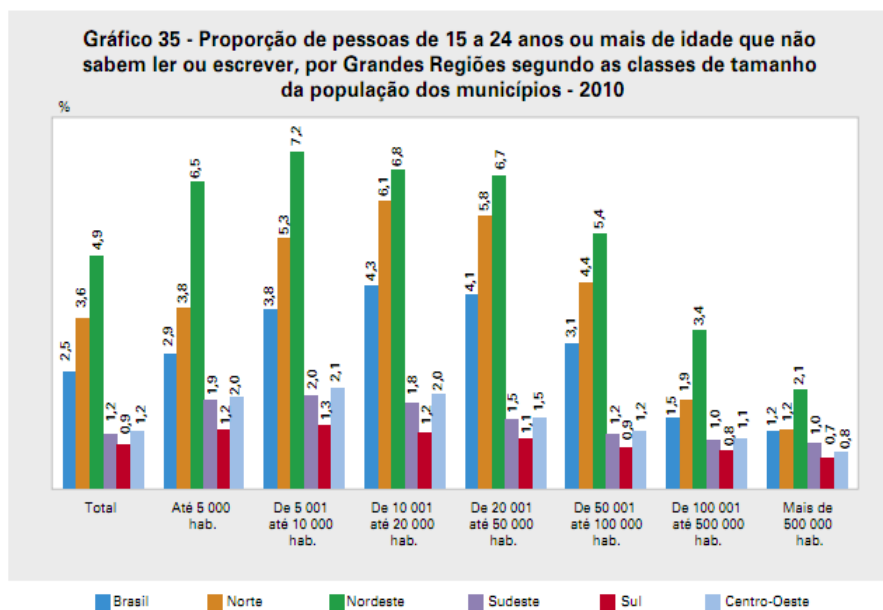
Diário de campo, Fernanda Dias, agosto de 2011.

Segundo os dados do IBGE/2009: “o Brasil tem uma população de 57,7 milhões de pessoas com mais de 18 anos que freqüentam escola e que não tem ensino fundamental completo”. Quero ressaltar que quando se fala em publico de EJA, estamos falando em qualquer sujeito que não teve acesso à educação em todas as fases da vida. E principalmente aqueles que não conseguiram concluir seus

estudos em idade regular. Refletir sobre estas questões é ter indicadores para pensar os mecanismos de garantia de acesso a educação.

Segundo dados do IBGE: ao analisar o fenômeno do analfabetismo por tamanho dos municípios revela que o porte populacional tem influencia na incidência de pessoas portadoras desta ausência de aprendizagem (...) indica que municípios com a população de até 50 000 habitantes da região nordeste são aqueles mais desfavoráveis, apresentando uma taxa de analfabetismo de 28% para a população de 15 anos de idade ou mais. Ainda sobre o analfabetismo entre os jovens o mesmo documento destaca que “a situação da região nordeste é também preocupante, na medida em que mais de ½ milhão (502 124) pessoas de 15 a 24 anos de idade declararam que ao censo 2010 que não sabiam ler escrever.

Na região Sul e Sudeste regiões mais desenvolvidas socioeconomicamente, nos municípios de mesmo porte as proporções são bem mais baixas, como podemos visualizar no gráfico abaixo:



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

O rejuvenescimento da população que freqüenta a EJA é um fato que vem progressivamente ocupando atenção e pesquisadores na área de educação. O numero de jovens e adolescentes nesta modalidade crescem a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço (BRUNEL, 2004, p.09).

Com o rejuvenescimento da população, que freqüenta esta modalidade, foi preciso alargar o campo de analise e pratica, considerando os novos perfis e a nova circunstancia históricas dos alunos jovens. O fenômeno da juvenilização surge em meados dos anos 90, como Haddad e Di Pierro (1999), já apontavam que, em 1998

um terço dos estudantes matriculados em cursos de EJA, tinha menos de 18 anos de idade, numero que tem se elevado ao longo de uma década.

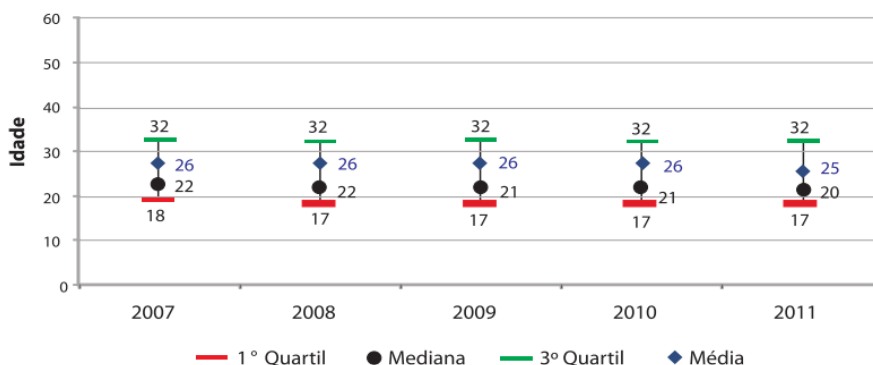
Considero que este fenômeno está também ligado a dois fatores: o do campo legal e do campo social /pedagógico. Em relação ao primeiro, refiro a Lei nº 9.394/96 que reduz para 15 e 18 anos de idade mínima para que os jovens prestem os exames para conclusão do ensino fundamental e médio. No campo social e pedagógico, surge como decorrências dos processos migratórios da escola regular para modalidade EJA.

O fenômeno da juvenilização ou rejuvenilização, da EJA, como denomina Carmem Brunel (2004) já havia sido observado pela autora principalmente nas turmas do Ensino Médio. Já a autora Sandra Andrade constata em sua pesquisa que este rejuvenescimento da EJA tem se estendido aos estudantes do Ensino Fundamental também em suas series iniciais. Que neste caso, talvez seja um fenômeno mais frequente em escolas publicas que em instituições privadas, nas quais a exclusão do ensino regular tem se mostrado mais freqüente (ANDRADE, 2008).

Segundo o censo escolar de 2011, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentou queda de 6% (254.753), totalizando 3.980.203 matriculas em 2011. Desde total, 2.657.781(67%) estão no ensino fundamental e 1.322.422 (33%) no ensino médio. Ainda aponta que os alunos que freqüentam o ensino fundamental da EJA tem idade muito superior aos que freqüentam os anos finais e o ensino médio desta modalidade. Como podemos analisar nos gráficos abaixo:

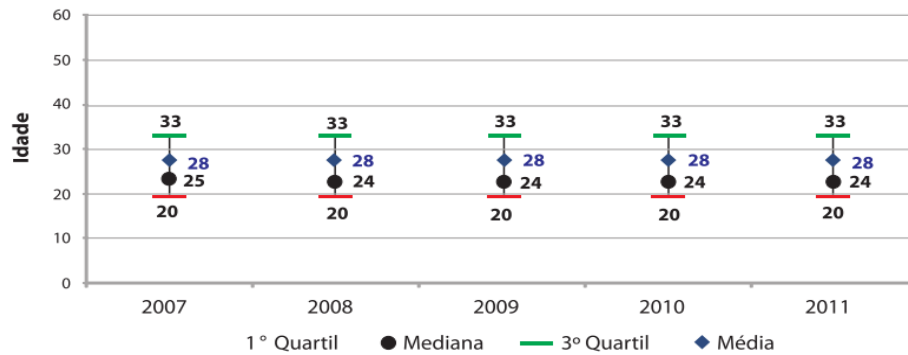
**Gráfico 11 – Medidas de Posição da Idade dos Alunos Matriculados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da EJA – Brasil – 2007- 2011**

Fonte: MEC/Inep/Deed.



**Gráfico 12 – Medidas de Posição da Idade dos Alunos Matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental da EJA – Brasil – 2007-2011**

Fonte: MEC/Inep/Deed.



Os dados revelam que o aumento de jovens surge nas series finais do ensino fundamental e médio. Na contramão destes dados, me deparei na escola pesquisada, com o que a autora Sandra Andrade já sinalizava; o rejuvenescimento da EJA tem se estendido aos estudantes do Ensino Fundamental também em suas series iniciais. Foram inúmeras questões a partir desta experiência docente levantadas, porem a limitação de espaço e tempo demanda uma reflexão do que é possível fazer e que se pode ser estudado neste momento de formação.

Sendo assim, decidi fazer o levantamento das matriculas realizadas na escola, entre os anos de 2007 a 2008, apenas nas Totalidades Iniciais, a fim de compreender este fenômeno da juvenilização também nas Series Iniciais do Ensino Fundamental.

<b>Matriculas da escola X</b>						
<b>ANO</b>	<b>Idade</b> <b>15-19</b> <b>anos</b>	<b>Sexo</b> <b>M(masculino)</b> <b>F(feminino)</b>	<b>Idade</b> <b>20-29 anos</b>	<b>SEXO</b>	<b>Acima de</b> <b>30 anos</b>	<b>Sexo</b>
<b>2011</b>	09	1M. 8 F.	04	03 M 01 F	22	14 F 08 M
<b>2010</b>	07	4F 03 M,	07	04F 03 M	10	07F 03 M
<b>2009</b>	06	02F 4 M	14	05F 09M	28	19 F 09 M
<b>2008</b>	01	01 M	11	09 M 2F	27	11M 16F
<b>2007</b>	0	0	05	04 M 01 F	20	12F 08 M
<b>Total</b>	23	M.09 F. 14	41	M.28 F. 13	107	M.39 F. 68

FONTE: tabela elaborada pela autora.

Como podemos observar no ano de 2007 não houve nenhuma matricula entre alunos de 15 a 19 anos, nas totalidades iniciais, porem no ano de 2011, ano que realizei meu estágio houve 09 matriculas, sendo destas 8 correspondentes ao sexo feminino. Mesmo o numero de adultos sendo maior que o numero de jovens, se somarmos a faixa etária de 15 á 29 anos teremos um superior a 50%, como por exemplo, a ano de 2010, sendo 10 alunos acima de 30 anos e 14 alunos nas faixas etárias de 15 a 29 anos. É ponto de acordo entre todos os que investigam sobre o fenômeno da “juvenilização na EJA”, mesmo que por motivos diversos, a velocidade que esse vem crescendo no país. Poderíamos questionar aqui o funcionamento da escola regular, dos programas e ações do governo em relação a políticas publicas



para as juventudes. Perguntar se sobre os dados apresentados em relação à região Sul, que mesmo sendo desenvolvida em comparação a demais regiões, como por exemplo, a região nordeste, ainda aponta a presença de jovens nas totalidades iniciais da EJA. E, é nesse cenário que se insere a proposta de problematizar aspectos relevantes neste estudo.

#### **4 Dos conceitos que norteiam este estudo?**

Neste capítulo apresento os conceitos trabalhados ao longo do texto, como Condição Juvenil, gênero e escola e autonomia.

##### **4.1 Condição Juvenil?**

No que diz respeito à compreensão de juventude, “construir uma definição da categoria juventudes não é fácil, principalmente porque os critérios que constituem são históricos e culturais” (DAYRELL, 2003, p.41), considera-se que a construção dessa noção como um processo mais amplo influenciado pelo meio social, ao falar de jovens não podemos citar apenas um modelo. Um conjunto de fatores como classe, gênero, situação escolar são relevantes para problematizar este tema. Na investigação de teóricos acerca do tema, optei por utilizar o conceito de *condição juvenil*, apoiados na teoria de Luiza Camacho e Juarez Dayrell.

(...) existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui o significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também a sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos as diferenças sociais- classe, gênero, etnia, etc(...)( DAYRELL,p.1108,).

Penso que a condição juvenil não é vivenciada da mesma forma nos diferentes grupos sociais, entendo que o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá sentido, assim como dá sentido a posição que ocupa nele, as suas relações com outros, a sua própria história e singularidade. (DAYRELL, p.43, 2003). Em sintonia a autora CAMACHO, citando Abad (2003), aponta que:

(...)a condição juvenil, hoje, se faz reconhecida e válida graças a três fatores. O primeiro seria o fenômeno de alargamento do período da juventude(...). Como segundo fator temos que a sociedade atual tem encontrado dificuldade para proporcionar um trânsito linear, simétrico e ordenado da juventude pelo circuito familiar-escola-trabalho/emprego no mundo adulto. E finalmente o processo de desinstitucionalização da condição juvenil(...). (ADAD, 2003 apud CAMACHO, 2004)

Nesse sentido, há que considerar que as juventudes constituem diferentes formas de agrupamento e pertencimento. Como contribuição teórica, o estudo aponta que os pesquisadores, entre eles Dayrell, acerca do tema, destacam relações diferentes e variadas dos jovens com as intuições:

(...) A construção da condição juvenil(...) expressa mutações mais profundas nos processos de socialização, seus espaços e tempos. Nesse sentido, a juventude pode ser vista como uma ponta de *iceberg*, no qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos. tais mutações interferem diretamente nas instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização das novas gerações, como a família ou a escola, apontando para existência de novos processos(...) (DAYRREL, 2007)

Quando falamos de jovens é bom lembrar, também o papel da escola na vida destes e pensar como a instituição escolar vem se reconfigurando para atender essas mudanças de novas gerações. Como aponta Camacho, 2004: “o reconhecimento de que a condição de jovem procede à condição de aluno e de que ambas estão intimamente ligadas poderia ser o primeiro passo a ser dado pela escola em direção a visibilidade da juventude no espaço escolar e a transformação de seus alunos em jovens alunos”. “Dessa forma é importante refletir sobre a singularidade deste sujeito que chega a escola,” O jovem que chega às escolas publica na sua diversidade, apresenta características, praticas sociais e um universo simbólico próprio que diferenciam e muito das gerações anteriores” ( DAYRELL, p.1107, ANO). Fato infelizmente corriqueiro nos dias de hoje, é uma visão de que os jovens “incomodam” o bom andamento das aulas nas escolas e isso também revelam um direcionamento desses estudantes para o ensino da EJA, não sendo visto com bons olhos por parte de alguns professores:

(...)eu sinto que perdeu assim um pouco o foco, porque quem vem geralmente é porque não estava se dando bem no dia. Então nem todos vem com aquela vontade de aprender, de estudar. Vem como uma obrigação, muitos até nem trabalham, passam o dia ate dormindo e vem pra escola a noite. Então isso dificulta. (...)

Depoimento da professora entrevistada

Assim como a professora aponta seu descontentamento no seu depoimento com o aumento de alunos jovens na EJA, parece que assistimos uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, p.1106,). Nesse processo Andrade reafirma em sua tese que:

“A então nomeada migração de modalidade leva a análise de que não são somente (ou com maior força) fatores externos a escola que levam os/as

estudantes a ser excluídos/as do ensino, como o ingresso antecipado no mercado de trabalho, por exemplo. Ao contrario, a própria escola e, necessariamente, as estruturas imediatamente ligadas a ela favorecem a produção de múltiplos fatores de exclusão da escola. ( ANDRADE,p., ANO)

Os conflitos ou desafios enfrentados pelas escolas para atender as juventudes aqui apontadas não querem apenas apontar os “erros” que a escola indica. Pois os tipos de situações conflitantes que se colocam no cotidiano de sua atividade com seus estudantes, apenas cada escola sabe como lidar. Apesar da existência de diferenças na constituição e organização de cada escola, atualmente um elemento que se destaca, quando se fala em Educação de Jovens e Adultos, é o ingresso de jovens nesta modalidade. Tendo em vista o conjunto de argumentos já citados anteriormente sobre a importância de refletir sobre a condição juvenil. Procuo agora problematizar alguns aspectos da situação juvenil vivenciadas pelas entrevistadas.

#### **4.2 Gênero e Escola**

Como categoria de análise, gênero permite explicar questões relacionadas a poder e transmissão de ideologias, entre outros aspectos. Essa orientação pressupõe identificar a condição social da mulher enquanto categoria que atravessa classe, grupos étnicos e comunidades, mas que não constitui um grupo social em si.

Na visão de Joan Scott, historiadora e uma das percussoras no uso de gênero, a utilização dessa categoria não implica somente em focalizar as ações da mulher na historia, mas sim em tentar perceber o que o gênero e a diferença sexual têm a ver com o funcionamento do poder como um todo, ou como o gênero interfere nas relações mais amplas. Para “reescrever a Historia”, a autora afirma que uma investigação sobre as vidas das mulheres e processo de transformação da condição feminina deve ter como eixo principal o gênero. De acordo com a autora, gênero se define, então, na conexão entre duas preposições: 1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas ente os sexos e 2) o gênero é uma forma primaria de significado das relações de poder (SCOTT, p.1995, p.86).

Compreendo que as relações de gênero não são estáticas nem confinadas ao âmbito privado, pode-se deduzir disso que o conceito de gênero é capaz de abarcar padrões diversos e visões de dominação masculina, como também aspectos de poder (ou influencia) das mulheres em contextos variados. Wivan Weller, outra teórica no uso de gênero, argumenta que as perspectivas teóricas e os resultados apresentados em pesquisas sobre relações de gênero contribuíram para a compreensão de que o gênero não é algo que adquirimos naturalmente, mas que produzimos no dia a dia. Em outras palavras, o gênero é constituído de forma interativa e situacional; ele é constituído (ou não) num contexto e numa interação

especifica-nos quais as pessoas envolvidas assumem distintas representações de gênero (WELLER, p.113, 2005).

Historicamente, constata-se que a transição do lar para o mundo do trabalho, realizou-se com “sofrimento” e necessidades de ajustes para a população feminina. Essas mudanças resultam em um aumento significativo de mulheres no mercado de trabalho e também do nível de escolarização. Um documento organizado pelo INEP(2005), sobre o estudo da trajetória da mulher na educação brasileira, mostra que a presença das mulheres é crescente em todos os níveis de ensino. No entanto a que se ressaltar novamente que a escolha da temática para este estudo, surgiu pelo “espanto” de ver mulheres jovens nas totalidades Iniciais da Educação de Jovens e Adultos na experiência de estagio docente. Se pesquisas apontam que as mulheres estão ocupando um nível elevado de escolarização, como ainda é possível deparar-se com essa situação? Conforme a autora Sandra Andrade salienta:

“(…) hoje o lugar da mulher também é na escola, mas não como objetivo primeiro, ou não só com o objetivo de promover a profissionalização feminina para competir com os homens no mercado de trabalho dentro de uma maior equidade. Um dos objetivos da educação feminina (principalmente da mulher pobre), para as mais diferentes instancias, é preparar/educar/ensinar a mulher a cuidar mais e melhor da família e dos filhos/as (...)” (ANDRADE, 2005, p.216).

Em direções similares, as narrativas das entrevistadas afirmam que a volta aos estudos foi impulsionadas pelas relações amorosas. “[...]Mas meu namorado ficou me enchendo o saco, porque disse que estudo era importante. E daí ele fez a minha sogra fazer minha matricula[...]”. Para além destes ‘papeis’ de mulher que cuida do lar e da família, busco compreender quais os movimentos destas jovens para realização do seu projeto de vida e a qual a contribuição da escola.

### 4.3 Autonomia

Pensar sobre autonomia exige também falar em liberdade, já que é a partir deste que chegaremos ao entendimento daquele: situação de quem é livre, condição de quem não está sujeito ao domínio de outro, como bem aponta Dupas (2003,p.24) “ a liberdade pode significar tanto a faculdade de fazer ou não certas ações como o poder de não obedecer a outras normas alem daquelas que o individuo(...) impôs a si mesmo”.Mas , assim entendida, essa concepção de liberdade torna se digamos que inviável para quem vive em sociedade, já que esse “pertencer” pressupõe a um obedecer regras, limites e leis, e também o estabelecimentos de relações diversas.

Sobre esse olhar, para falarmos de construção de autonomia na escola, é preciso pensar essa escola como uma instituição social resultante de ações humanas coletivas. Assim concebida, qualquer ação humana que se desenvolva no seu interior ou sobre sua mediação tem, um caráter coletivo e exige a participação de todos os que estejam ligados. Desta forma, todos os que integram a comunidade

escolar, ou seja, participam da escola, realizam uma intencionalidade, sejam eles alunos, pais, professores ou funcionários. Assim como afirma Freire (2008, P.59):

O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceber uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a transgressão.

Penso que autonomia é uma “conquista” que vem pelo compartilhamento de idéias e ideais, sujeitos em um coletivo e não algo simplesmente viabilizado por escalas de superiores. De acordo com Carlos Brandão devemos “Olhar o mundo com os próprios olhos e escrever a vida com a própria letra. Aprender a ler a si mesmo com toda dignidade.” vinculadas a tais noções, entendo que a busca pelo ensino noturno na EJA é uma possibilidade de pensar em um projeto de vida por estas duas jovens. Em suas narrativas mostram que a permanência nesta modalidade está ligado ao processo de obtenção de um “patamar” mínimo de bem estar, configurado não só em termos de segurança econômica (ao buscarem emprego) e de reconhecimento social, individual ao coletivo, mas também com aumento de consciência, força interior, auto-estima, capacidade de decisão e liderança e outras qualidades pessoais, como narram em uma de suas falas: “(...) *Eu acho que agora eu sei que é importante o estudo, antes os outros é que ficavam falando (...)*” [Elisa], “(...) *Aqui eu cuida da minha vida, consigo resolver as coisas, sem chamar a mãe (...)*” [Martina]. Nesse sentido, a conquista da autonomia se coloca como uma das dimensões básicas para construção de seus projetos de vida.

Podemos enumerar diferentes fatores que gera mudanças estruturais em variados grupos sociais e são encarados como essenciais nos processos de construção de autonomia, como participação, equidade, resgate de identidade, tomada de decisões. No caso específico destas duas estudantes, narram que algumas experiências na Educação de Jovens e Adultos tem propiciado a esse processo de construção de autonomia e levar ao desenvolvimento individual e social.

## 5 Aprender a ler a si mesmo: processos de autonomia entre mulheres jovens na EJA.

Para desenvolver este estudo, optei (como já citado anteriormente) por entrevistar duas jovens que se tornaram fios condutores da análise desta temática. As duas jovens apontam experiências semelhantes em suas narrativas, mas revelam sua singularidade em suas opiniões.

A Elisa é uma jovem negra de 17 anos, mora com os pais é a mais nova entre três filhas do casal. Ela procura por emprego, pois pretende casar e deseja mudar de bairro: *“Eu to procurando emprego, porque quero casar e mudar de vida... Quero morar em apartamento(.)”*. A contribuição para sobrevivência financeira da família é garantida pela aposentadoria dos pais, estes aposentados por motivos de saúde. O pai de Elisa é paraplégico e a mãe possui “problemas de pressão”, que a estudante não soube explicar o que seria de fato. Elisa expressa grande carinho quando fala do pai, o cuidado que é necessário ter com a medicação e tudo mais: *“(...) também pra ler os remédios do meu pai, ver a hora certinha (...). É, acho que quando eu casar, vou ter que ir todo dia na minha casa dar o remédio do meu pai! (pausa)”*. A jovem relata que seu ingresso na EJA, ocorreu por um “conselho” da professora do ensino regular, atualmente esta freqüentando a totalidade três, o que acha maravilhoso e faz planos para o futuro, diz que o seu sonho é conhecer a praia.

Martina, é uma jovem também de 17 anos, branca, mora atualmente com o companheiro, tem mais cinco irmãos que continuam morando com seus pais, refere se ser a irmã do meio. Martina trabalha de manicure, agora de carteira assinada, antes realizava trabalhos não formais também de manicure. Martina é bastante falante, gosta de sair para dançar, já freqüentou o movimento Hip Hop, mas diz que foi só *“uma curiosidade”*, destaca que optou em freqüentar a EJA, porque os amigos mencionavam que era “mais fácil” que o ensino regular: *(...) Porque todo mundo falava que era fácil, era só não faltar e tal... Mas ai, eu vi que não é tão fácil (...)*. Martina ainda freqüenta a totalidade 2 da EJA e ressalta que agora vai “se puxar” nos estudos. Reconhece se que se quisermos entender o que vem a ser juventude e como ela é vivida de fato pelos adolescentes e jovens de ambos os sexos, será necessário dedicar maior importância as descrições e narrativas dos autores envolvidos associada à reflexão teórico metodológico ( Weller, p.112, 2005). Assim darei destaque às entrevistas, evidenciando alguns pontos em comum para discussão. Primeiramente, o que evidencia na fala das duas jovens é o ingresso tardio a escola:

(...)eu estudei lá (na outra escola), desde os 10 anos (...) eu entrei com 10 anos na escola, porque... a minha mãe tinha muita dificuldade...os meus irmãos não queriam ir para o colégio e ai tinha que cuidar deles também, naquela influencia eu também não ia (...) Eu fiquei tipo um ano sem estudar(...)

Martina

Ah..é que eu entrei tipo com 10 anos, porque foi bem na época que meu pai ficou sem caminhar, porque ele teve derrame sora... E não demorou muito e a minha mãe também teve problema de pressão. Daí agente (irmãs) tinha que cuidar de tudo! Casa, remédio...foi bem triste, bem ruim mesmo...Agora ta melhor!!!

Elisa

Aqui é necessário enfatizar que para além de leis e decretos que garantem o acesso a educação como direito para todos.E sem cobrar a família porque estas jovens não acessaram a escola em idade recomendável, é fundamental pensar que para além destas crianças há uma família em situação de vulnerabilidade social. E aqui sim é preciso pensar e agir sobre quem garante o acesso a escola e outros serviços básicos das camadas populares. Quando a jovem Martina destaca que a mãe tinha dificuldades ( acredito que financeiras) e ela precisava auxiliar no cuidado com os irmãos, podemos nos questionar como uma criança cuida de outras, sendo negado assim seus direitos mínimos, como o acesso a escola. Este ingresso tardio a escola, aponta um descontentamento em relação aos colegas, como destaca Elisa em uma de suas falas:

Lá no colégio eu tinha muita vergonha, tinha muita gente pequena na minha sala... E era muito difícil de passar...porque lá só ficava quem sabia mesmo, eu não aprendia matemática e fui ficando.Chegou uma hora que cansei, foi muito chato sora, quando a professora do colégio disse que ia procurar outro colégio pra ver se eu aprendia(...)

Daí eu não quis voltar!

Elisa

Considerando a baixa auto-estima e falta de confiança na própria capacidade de aprendizagem observada no depoimento desta adolescente, notamos que o valor que a escola tem para essa jovem transcende a mera aquisição de conhecimentos. Demonstra nas entrelinhas o desejo de empoderamento individual através do aprender. Quando perguntadas se sentiam diferença entender as escolas, Martina aponta que:

(...) as professoras, as diretoras pegam no pé demais...toda hora ficando ligando pra tua mãe(...) aqui também, mas não toda hora...Lá quando eles pegavam teu celular só a tua mãe pra pegar.

Aqui não, primeiro eles falam comigo, tipo: porque tu chegou atrasada, não vai entrar na aula?

Aqui eu cuido da minha vida, consigo resolver as coisas, sem chamar a mãe... Claro né , sora se eu ficar “ratiando” eles chamam a mãe. Mas ai a culpa é minha também! Porque eles(escola) dão chance da gente falar o que tá acontecendo, antes de ligar pra tua mãe.

Esta jovem destaca seu desejo de ser adulta, e a mudança para o turno da noite na EJA reafirma esta busca e o que se verifica é que a

desinstitucionalização, ou marginalidade normativa, propicia aos jovens a conquista por liberdade, na medida em que estes tem a oportunidade de desenvolver uma trajetória com experiências socializantes mais autônoma e menos controlada pelos adultos (CAMACHO, p.334, 2004). Quando Martina diz: *“aqui eu cuida da minha vida, consigo resolver as coisas, sem chamar a mãe”*, esse desejo transborda em seu olhar e o questionamento que volta é como estamos lidando com esses jovens na escola. Será que realmente estamos dando oportunidade de mediar os conflitos na escola? Para contornar tal situação, as novas gerações acabam construindo estratégias: dentro dos limites do espaço escolar se expressam como alunos na presença de adultos e como jovens nas suas relações de sociabilidade com seus pares (CAMACHO, p. 349, 2004).

Por outro lado, Elisa ao falar das diferenças entre as escolas narra:

Eu gosto daqui(...) As vezes eu tenho medo(...) porque é de noite! É perigoso ficar na parada esperando ônibus. E eles (escola) não são responsáveis (...) porque nem ligam para tua mãe se não tem aula, não mandam bilhete dos passeios. Lá no outro colégio eles faziam tudo e avisavam a mãe da gente. Acho que era porque era de manhã. Aqui tu tem que resolver tudo sozinha, acho muito ruim isto!

Mesmo tendo visões diferentes sobre essa autonomia que a escola noturna oferece as duas concordam que o ingresso na EJA, fez diferença em suas vidas: (...) *Dai..tipo eu era aquela pessoa tímida que não falava com ninguém, meu marido até me chamava de bicho do mato(...) Agora eu falo pra caramba(risos)”*.(Martina). Já Elisa sinaliza que aprendeu a valorizar os estudos e agora ela realmente sabe, não é preciso ninguém ficar falando:

Eu acho que agora eu sei que é importante o estudo, antes os outros é que ficavam falando(...) tipo meu namorado e a mãe dele. Mas agora eu sei que eu tenho que ter mais paciência pra aprender as coisas(...) A dona Maria (colega da T1), que me ensinou a ver a receita do remédio novo do meu pai, quando eu entrei na escola... Eu gosto daqui! De gente mais velha, porque eles não ficam escutando funk, entrando e saindo da sala e daí eu consigo aprender, porque eu não consigo aprender com muita gente fazendo bagunça, barulho...

Nessa experiência, temos materializado a ação que a relação da escola proporciona a essas jovens, tornando este espaço mais do que um espaço de sala de aulas com cadeiras. Este espaço é feito de pessoas e relações humanas, ficando evidentes que este ambiente é muito mais que a busca de ensino e aprendizagem, é também espaço socialização. Assim como espaços públicos, como praças e parques, a escola é também espaço de lazer e os tempos e espaços de lazer são também momentos sociais de construção da confiança das famílias na capacidade de seus filhos se tornarem independentes e capazes de ir para a convivência no



espaço público retornando em segurança para o espaço da casa. Neste sentido, as atividades de lazer no contexto da mobilidade urbana são peças decisivas no processo de constituição da autonomia juvenil (CARRANO, DAYRELL, ALMEIDA, p.13, ano). Mais uma vez temos traçadas como reflexões para as juventudes, os questionamentos da situação juvenil na escola são e serão tantos outros jovens a viver uma experiência de construção de autonomia.

A jovem Elisa refere-se à culpa e a vergonha de não ser aprovada no ensino regular: “(...) *eu tinha muita vergonha, tinha muita gente pequena na minha sala... Era muito difícil de passar... porque lá só ficava quem sabia mesmo, eu não aprendia matemática e fui ficando(...)*” apresenta a EJA como uma possibilidade de suas supostas “fraquezas”: “(...) *Mas agora eu sei que eu tenho que ter mais paciência pra aprender as coisas(...)*”. A jovem aponta apenas como ela sendo a “culpada” de todo seu contexto, não responsabilizando a escola ou a família.

Em outra direção Martina, ressalta que o ingresso na escola tardio e sua condição feminina, fizeram pensar em deixar a escola:

Ah sora... eu era maior da turma e menina. Sabe né começa a criar corpo, fica tipo com corpo de mulher mesmo e daí eu não queria mais brincar no recreio (...), porque era chato, os guris das outras turma te olhando e dizendo: olha lá aquele mulherão na primeira serie.(...) Depois eu comecei a falar só com gente mais velha, por as gurias da minha sala queriam ficar jogando e pulando e eu não queria(...)

A resposta mais efetiva por parte da estudante, par ao ingresso na EJA é de que os amigos falavam que a modalidade era mais fácil. Mas nas entrelinhas de suas narrativas demonstra o desconforto de estar crescendo e ser observadas pelos outros alunos. Por entender que a condição feminina não resumiu-se em fatores biológicos, continuei a entrevista, perguntando a Martina se não haviam meninos mais velhos na escola regular aonde frequentou e se sentia este ‘olhar diferenciado’. A jovem logo aponta: “(...) *Com menino é diferente sora (...), porque eles são magricelos, demoram mais para agente perceber se são mais velhos, só pela altura mesmo (...)*”. Entendo que o gênero determina situações e atitudes diferenciadas para homens e mulheres na construção da identidade, por outro lado a condição de gênero condiciona distintas situações de construção de autonomia para mulheres e homens.

Aqui neste caso específico, a condição feminina determina distintas trajetórias por partes destas jovens no que diz respeito à constituição da identidade, condicionando acessos e resultados diferentes entre ambas, não só em termos de posicionamento em relação ser jovens, mas também de planos e de conquistas para seus projetos de vida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como para uma criança não é fácil aceitar que um adulto não saiba ler e escrever. Para nós adultos é também “complicado” deparar-se com jovens no contexto atual e que não esteja alfabetizado. O analfabetismo pode ser considerada uma forma de exclusão social mais severa nas sociedades contemporâneas. Sua erradicação continua a ser um dos desafios a serem vencidos pelos pais em desenvolvimento( IBGE, p.60, 2012) o índice de analfabetismo sofreu uma redução significativa nos últimos anos, embora esteja distribuído de modo assimétrico nas diferentes regiões do país.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos o grande desafio pedagógico que a EJA impõe é o de garantir um acesso a cultura letrada a adolescentes, jovens e adultos excluídos do sistema regular de ensino. Mais do que isso, a alfabetização é fundamento necessário para a ação social e cultural para a liberdade, para a leitura crítica do mundo e da experiência social de cada indivíduo.

Entendo que as experiências pessoais, articuladas com uma leitura crítica do mundo, irão guiar as reflexões de forma a promover o acesso aos conhecimentos escolares de maneira crítica, significando dentro do contexto social de cada um, reconhecendo à presença na escola e o acesso a cultura letrada como uma possibilidade de aumento da auto-estima e estímulo a autonomia. Pois como afirma Regina Hara: “quando aceitamos que o homem seja sujeito na compreensão do mundo, aceitamos que também seja na construção do seu conhecimento sobre a escrita, uma parcela do conhecimento social” <sup>6</sup>. Assim entendo que adultos analfabetos podem produzir textos significativos baseados em seus conhecimentos da língua oral e com essas produções pode auxiliar o aprendiz a analisá-las e introduzir novas informações.

Compreendo que a permanência a um grupo com um conjunto de crenças, normas e tradições particulares, e onde existe o reconhecimento mutuo de uma identidade concreta é fator essencial para o pleno desenvolvimento e expressão da personalidade do indivíduo. Por outro lado, admitindo-se que as identidades pessoais são construídas a partir da cultura a qual o sujeito esta vinculado, e que a identidade grupal é parte constitutiva da identidade individual de cada membro do grupo, se reconhece que os sujeitos podem pertencer a diversos grupos, exercendo distintos papéis sociais. No que toca a construção de autonomia por essas jovens, entendo que esse processo inicia-se através da entrada na Educação de Jovens e Adultos, sendo que, para essas jovens, estar inserido em um no mundo da escola juntamente com adultos, representa um reconhecimento em uma sociedade pautada pelo “mérito da responsabilidade”. Finalizo retomando o excerto que abri este

---

<sup>6</sup> (HARA1991,p.14)

trabalho, pois acredito, assim como Brandão que devemos “Olhar o mundo com os próprios olhos e escrever a vida com a própria letra. Aprender a ler a si mesmo com toda dignidade.”

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. Porto Alegre: UFRGS: 2008. 256 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós -graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre,:Mediação,2004.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A invisibilidade da juventude na vida escolar**. In: *Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação*. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 22, n. 2 – Florianópolis. Julho/dezembro 2004.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 1105 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** (e - book). São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

NASCIMENTO, Patricia.Ribeiro.**A mulher jovem nas ruas : seus mecanismos de resistência, suas construções socioculturais e o papel da EMEF Porto Alegre como território de assistência, referência e emancipação** Trabalho de Conclusão de Curso- Graduação em Pedagogia. UFRGS:2009.

**Silva, Líbia S. Garcia da. Juvenilização na EJA : experiências e desafios.**  
Trabalho de Conclusão de Curso- Graduação em Pedagogia. UFRGS:2010.

SCOTT, Joan W. "**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**". *Educação & Realidade*, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SZYMANSKI, Heloisa (org.) A entrevista na pesquisa em Educação:  
a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002, p. 86.

WELLER, Wivian. "**A Presença feminina nas (Sub) Culturas Juvenis: a arte de se tornar visível**" Revista Estudos. Feministas: Florianópolis, Jan-Abr/ 2005.  
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40514> , disponível em agosto de 2012

## ANEXO A-TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Faculdade de Educação**  
**Curso de Graduação em Pedagogia**

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora Fernanda Carpes de Mello Dias, aluna regular do curso de **Graduação em Pedagogia** promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Professor Leandro Rogério Pinheiro, realiza o Trabalho de Conclusão de curso: **Aprendendo a Ler a si mesma: processo de construção de autonomia de mulheres jovens na Educação de Jovens e Adultos**, O objetivo desta pesquisa é compreender como a condição juvenil e de gênero são vivenciadas por estudantes na escola, mais especificamente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 95497574 ou por e-mail - mellocarpes@ig.com.br

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_, inscrito sob o no. de R.G. \_\_\_\_\_, concordo em participar esta pesquisa.

\_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

#### APENDICE A- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA ESTUDANTES

1. Nome, idade, serie
2. Situação familiar
3. O que faz quando não está na escola?
4. O que faz para se divertir?
5. Quanto tempo ficou fora da escola?
6. Porque parou de estudar e porque retornou?
7. Porque escolheu esta escola?
8. Sente diferença na escola antes e depois da EJA?
9. Para você o que é ser jovem?
10. E ser jovem mulher na EJA?

## APENDICE B- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA PROFESSORA

1. Nome
2. Formação
3. Qual sua carga horária de trabalho?
4. Há quanto tempo está trabalhando nesta escola? E com a modalidade de EJA?
5. Percebe o aumento de jovens na EJA? O que pensa a respeito?
6. Considera que atende esta demanda em suas praticas pedagógicas?
7. O que a escola oferece de diferencial para que estes jovens sintam-se atraídos em sala de aula?